

# Pesca-fantasma nos mares

**R**edes de pesca, anzóis e armadilhas podem ser mais que instrumentos de trabalho de pescadores. Quando perdidos ou simplesmente abandonados, esses e outros petrechos, como flutuadores, cabos e cordas, tornam-se verdadeiros pescadores-fantasmas, responsáveis pela morte de animais e até por acidentes

Vários tipos de materiais de barcos de pesca que ficam na água podem prender animais marinhos ou ser ingeridos por estes, causando ferimentos e mortes acidentais. Entre esses materiais estão cabos, cordas e pedaços de rede enroscados em galhos que se desprenderam do mangue (A); recipientes de combustível (a incrustação por cracas indica que esteve à deriva no mar por semanas) (B); flutuadores de isopor rompidos, que se desprenderam de cabos de rede (C); cabos de redes abandonados ou perdidos (entre a última utilização na pesca e o registro na praia, o material ficou ‘pescando’ no mar) (D); anzóis (os da imagem foram encontrados no estômago de um robalo) (E); e pedaços soltos de rede (as cascas de siris presas nos fragmentos indicam que esses animais, presos acidentalmente, serviram de isca para outros, gerando uma sucessão de capturas) (F)

com pessoas. Esse tipo de pesca reduz os recursos disponíveis para a atividade pesqueira regular, com repercussão negativa na economia.

Os prejuízos são contabilizados desde a década de 1980, quando alguns países, principalmente do hemisfério Norte, iniciaram pesquisas na área. Os resultados foram alarmantes: segundo dados de 2005 da organização britânica Joint Nature Conservation Committee, em dois anos a pesca de caranguejos na baía de Bristol, no Reino Unido, foi responsável pelo abandono de cerca de 31,6 mil armadilhas. Em águas canadenses, o lixo de pesca leva ao desperdício cerca de 3,6 mil toneladas de peixe (algo em torno de US\$ 3 milhões) por ano. No mesmo período, o golfo do México perde US\$ 250 milhões em lagostas pelos mesmos motivos.

Mas no Brasil ainda não há da-

dos que dimensionem as consequências da pesca-fantasma. O trabalho está apenas começando. A partir da leitura de artigos internacionais e da observação do litoral paranaense e de Santa Catarina, o oceanógrafo Paulo de Tarso Chaves, do Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), atentou para a necessidade de se fazer uma avaliação nacional do problema. “Desconhecíamos estudos sobre o tema por aqui”, afirma o pesquisador.

As primeiras investigações revelam que o problema está possivelmente relacionado com uma atitude displicente dos profissionais de pesca. Ainda que parte do extravio do equipamento seja acidental – devido a más condições climáticas, por exemplo –, é a negligência de muitos pescadores que frequentemente desencadeia o processo.



“Muitas vezes, no entanto, o abandono é intencional”, garante Chaves (ver ‘Lixo fatal’).

Segundo o oceanógrafo, esse comportamento se deve em parte ao desconhecimento das consequências econômicas da pesca-fantasma. Quanto menos animais capturados acidentalmente e mortos por equipamentos abandonados, maior será o estoque disponível para a atividade pesqueira. “Quando essa informação se traduzir em cifras, será mais fácil promover mudanças”, acredita.

Na próxima etapa da pesquisa, Chaves pretende estudar as particularidades do problema no Brasil. Por exemplo, avaliar o tempo que certos equipamentos levam para se desintegrar no ambiente marinho e saber até que ponto a turbidez de nossas águas é responsável pelo enrosco de animais em instrumentos de pesca.

## Outras perdas

A pesca-fantasma não causa apenas prejuízo econômico. Além de desperdiçar recursos pesqueiros, os equipamentos à deriva atingem também aves, tartarugas e mamíferos como o lobo-marinho, com sérias perdas ambientais. Seres humanos também podem ser vítimas. De acordo com um levantamento de Chaves, em média dois surfistas morrem por ano no Rio Grande do Sul presos em redes de pesca. Sem falar nos banhistas que ficam presos em cabos de rede.

Galhos e troncos que se desprendem de arbustos e árvores do mangue e vão parar no mar, ficando à deriva, também alimentam a pesca-fantasma. Por outro lado, porém, esse evento natural acaba por amenizar o problema. No litoral do Paraná e de Santa Catarina, rico em manguezais, esses galhos e troncos tornam-se verdadeiros garis marinhos. O material à deriva neles se enrosca e vai parar na praia, saindo de circulação. Na opinião de Chaves, isso é particularmente importante porque os equipamentos de pesca se tornaram

## LIXO FATAL

Veja abaixo algumas situações responsáveis pela pesca-fantasma no Brasil.

▶▶ A pesca profissional envolve principalmente redes de malha fixas que ficam submersas de três a seis dias. Tal permanência as expõe aos reveses meteorológicos comuns no Sul do país, motivo para extravio de redes inteiras.

▶▶ À noite, grandes embarcações de arrasto de peixes ou camarões, estranhas às comunidades locais, aproximam-se das praias. Os pescadores atribuem a esses arrastos noturnos, que não visualizam as bóias de sinalização das redes fixas, outro motivo para a perda de seus equipamentos.

▶▶ Redes móveis, como as de arrasto de camarão, prendem-se frequentemente a

troncos e galhos de manguezais trazidos pelas correntes desde a orla continental. Eles podem romper a rede ainda no fundo ou, quando nela se enrolam, levando o pescador a cortar um pedaço da trama e a lançá-lo na água.

▶▶ A pesca esportiva é muito praticada em nossas praias e estuários. No trato digestório de robalos costumam ser encontrados anzóis, possivelmente abandonados com isca e um pedaço de linha quando esta se prende à vegetação proveniente do manguezal.

▶▶ No interior dos estuários, redes são frequentemente armadas em locais proibidos. Outros pescadores, ao encontrá-las, as rasgam com o objetivo de desestimular a pesca predatória. Os panos e cabos não são recolhidos à embarcação, mas atirados na água, para garantir o anonimato.

mais duráveis graças ao desenvolvimento tecnológico de novos materiais. “Se viram lixo, ficam ainda mais tempo causando danos ao meio ambiente”, diz.

## Soluções

Uma das medidas recomendadas para pôr fim à pesca-fantasma é a substituição de material sintético por material biodegradável, como fios vegetais e flutuadores de cortiça. Como parte do extravio é inevitável, nesse caso os equipamentos perdidos se desintegrariam na água após algum tempo. “O problema é que o material biodegradável é mais caro e requer manutenção constante”, diz Chaves. Muita gente descarta essa opção temendo a queda dos lucros.

Uma escolha que não compensa, como outros países já comprovaram. No Golfo do México, por exemplo, pescadores adaptaram uma armadilha para reduzir o desperdício de lagostas. Antes usavam um gaiolão, semelhante a um cubo, feito de malha metálica. Na nova versão, uma das faces é de tecido biodegradável. Se a armadilha extraviar e prender algum animal, este consegue se libertar após alguns dias. O tecido exige mais manutenção que a malha metálica, mas não é tão oneroso ou

tecnicamente difícil. “A relação custo-benefício compensa”, avalia o oceanógrafo.

Orientação para os pescadores e fiscalização da prática pesqueira são outras soluções propostas. “Não é fácil implantar essas medidas, mas é preciso começar de alguma forma”, recomenda o pesquisador. “É como educar a população para separar o lixo doméstico: o processo é demorado.” Chaves acredita que um dia as empresas terão de certificar seus produtos com selos do tipo ‘pesca ambientalmente correta’, por opção ou mesmo por força de lei.

Com fiscalização efetiva, seria possível exigir identificação de propriedade em todos os instrumentos de pesca e aplicar multas por irregularidades. Assim, a responsabilidade sobre o equipamento teria um peso maior para os pescadores – tanto para os que simplesmente abandonam material quanto para os que acabam causando acidentes por descuido ou falta de informação. Para o oceanógrafo da UFPR, esse tipo de regulamentação, embora onerosa e politicamente difícil, é um horizonte a se almejar.

**Thaís Schneider**

Especial para *Ciência Hoje*/PR